

Os suicídios e a universidade produtivista

RAYMUNDO DE LIMA*

“Um suicida está sempre acusando alguém”

Lya Luft – Quarto Fechado

“Educação é o item mais importante na diminuição dos índices de suicídio”

Edwin Schneideman (apud Fontenelle, 2008)

Suicídios acontecem todos os dias nas grandes, médias e pequenas cidades. Mas, só é notícia se a vítima é uma personalidade pública¹: Champignon, Chorão, Walmor Chagas, Kurt Cobain, Leila Lopes, Ana Cristina César, Pedro Nava, Péricles (cartunista), Nikos Poulantzas, Gilles Deleuze, Getúlio Vargas, e tantos outros.

São artistas, escritores, filósofos, médicos, até psicanalistas² aparecem entre os suicidas, por sinal uma lista longa e surpreendente. O “*Dicionário*

de Suicidas Ilustres”, escrito pelo artista plástico brasileiro e cronista, J. Toledo, publicado em 1999, realiza um levantamento dos suicidas conhecidos, na história da humanidade. Quando elaborava este escrito me surpreendeu saber que J. Toledo também optou pela morte voluntária (ler nota n.1. OBS.: Uma análise aprofundada, psicológica ou psicanalítica, sobre os suicídios está fora do propósito neste ensaio, contudo, veja no rodapé uma breve consideração)³.



sc-símile do jornal Última Hora anunciando a morte de Var-

1954: Suicídio de Getúlio Vargas: “[...] saio da vida para entrar na História. Deixo a sanha de meus inimigos o legado da minha morte” [Carta Testamento]



1978: Suicídio coletivo e homicídios “guiados” pelo pastor Jens Jones, do Tempo do Povo, na Guiana: 383 mortes

Nos últimos 45 anos o número de suicídios no planeta aumentou em 60%, principalmente em homens entre 15 e 24 anos (FONTENELLE, 2008; DUTRA, 2012). A China registra o maior número de suicídios de todo o planeta, com 280.000 por ano, a maioria de jovens estudantes. A enorme pressão sofrida pelos estudantes, nesta faixa etária, é considerada a causa principal do abreviamento da vida naquele país⁴.

Também o suicídio é problema grave no Japão, considerado a “nação suicida”. Em 2007, a Agência Nacional de Polícia do Japão, divulgou 33.093 suicídios. Isso representa mais morte do que a guerra do Iraque, no mesmo ano que contou 26.932 mortes.

“De acordo com o Ministério da Saúde e do Trabalho Japonês, depois da segunda guerra mundial, o Japão passou por três ondas de

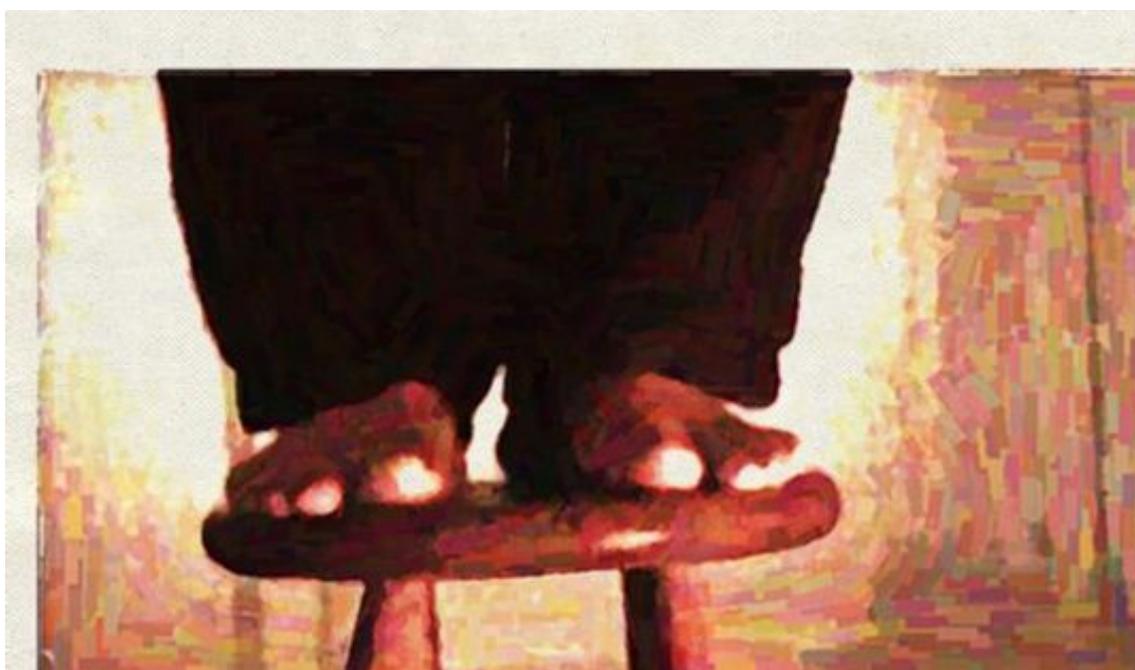
suicídio. A primeira onda teve seu ponto mais alto em 1958, com 23.641 mortes; a segunda alcançou o máximo em 1986 com 25.667 mortes. Atualmente, estamos no meio da terceira onda, que começou em 1998. Estas ondas são observáveis não somente em termos do número, mas também em termos da taxa por cada cem mil habitantes” (UENO, 2005).

O governo japonês vem trabalhando intensamente para diminuir os 30 mil suicídios por ano. Levantamento da Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta o suicídio entre as dez causas de morte no mundo, para todas as faixas etárias. Alguns países da Europa também apresentam elevadas taxas de suicídios/ano (FONTENELLE, op.cit.: 189 ss).

Pesquisa com 637 universitários brasileiros que responderam ao questionário, 52,45% disseram que sentiam vontade de morrer e 48 haviam tentado se matar, relata a pesquisadora Elza Dutra, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. “O que faz com que os jovens não estejam desejando viver?”

Família, grupo de trabalho, classe profissional, influenciados pelo senso comum, geralmente consideram o ato

extremo ‘acidente’ ou ‘morte natural’. Os mais próximos da vítima tendem a sentir culpa ou raiva: “por que ele fez isso comigo”. Religiosos ainda consideram o suicídio um pecado imperdoável. Judeus ainda impedem enterrar o suicida no mesmo cemitério dos demais. As pesquisas acadêmicas sobre as causas suicidas, conforme a região ou país, ou inexitem ou são insuficientes.



Suicídio entre universitários

Se o suicida é jovem, universitário, caberia investigar: Por que deixar a vida quando o futuro se apresenta como promissor? Podemos apontar um curso universitário com mais suicidas/ano, considerando a última década? Noutros termos, existem cursos cujo conteúdo ou estilo docente induz ao suicídio?

Meleiro (1998) diz que na revisão da literatura disponível sobre suicídio entre médicos no planeta, verificou-se que a taxa de suicídio na população médica é

superior à da população em geral. As especialidades: anestesistas, psiquiatras, oftalmologistas e patologistas, são referidos como os mais vulneráveis. Tem-se questionado porque alunos do curso de medicina pertencem ao grupo de alto risco em suicídio, daí algumas hipóteses: (a) estudantes mais propensos a sofrerem pressões impostas diante de qualquer falha médica ou falta de preparo médico diante da possibilidade de morte de pacientes; (b) passar a sentir culpa pelo que não sabe e com isso se sente paralisado pelo medo de

errar; (c) Os sentimentos de desvalia e impotência, que, muitas vezes, são responsáveis por ideias de abandono do curso e depressão; (d) Estresse acumulado durante o curso e na residência médica e privação de sono; (e). O fácil acesso aos métodos para cometimento do ato suicida (além dos estudantes de medicina, o fácil acesso às drogas ou veneno, aumenta a probabilidade entre estudantes de química, farmácia, enfermagem, odontologia).

Neste quadro, existe cobrança para os cursos de medicina não faltar com a responsabilidade de dar assistência psicoprofilática e psicoterapêutica aos estudantes. (Recente notícia diz que alguma universidade chinesa vem impondo aos estudantes de medicina assinar um termo de compromisso absolvendo a instituição da responsabilidade caso eles cometam suicídio ou fiquem feridos. Que pensar de uma medida como esta?).

Indícios, sintomas e alertas dos suicidas

Alguns [poucos] trabalhos científicos apontam algumas hipóteses sobre possíveis causas dos suicídios entre universitários:

1) Adolescentes que deixam pela primeira vez o aconchego de suas famílias, para morar longe e estudar, sentem-se obrigados a conviver com a solidão. Muitos não conseguem estabelecer novos vínculos de amizade, e sofrem intensamente esta privação. “A ideia suicida é comum nos adolescentes”, observa Caçula (1992, p. 86). A vida acadêmica de estudos, confinada, pode contribuir para esvaziar o sentido existencial de alguns estudantes de tendência depressiva. Daí a recomendação de os pais “escutarem”

os filhos e dar-lhes total apoio afetivo e moral, principalmente no primeiro ano da faculdade.

2) Se o curso é extremamente competitivo, o individualismo é exacerbado, aulas pessimistas, professores apocalípticos e sádicos que extraem prazer ao humilhar alunos contribuem para gerar desencanto, desesperança e infelicidade nos estudantes propensos à depressão e outros transtornos psíquicos⁵. (Deveriam ser alertados aqueles professores cuja aula induz os alunos para além da angústia “normal” relativa aos problemas de formação profissional, ou seja, o estilo docente cuja aula sempre induz ao mal estar, desesperança, depressão, e ideias de morte de si). Também deveria ser objeto de sindicância aqueles cursos com mais casos de suicídios/ano). O produtivismo da universidade [*publish or perish/* “publica ou perece” epidêmico entre professores-pesquisadores] e o individualismo narcisista universitário vêm contagiando os alunos, gerando neles alta ansiedade, estresse, desencadeando transtornos psíquicos, pânico de não dar conta dos trabalhos e provas, pavor de ser julgado como intelectualmente incapaz pelos colegas e professores, *bullying* etc. (“*Não deixe que essa universidade, ou algumas pessoas que nela estão te contaminem assim como fizeram comigo*” disse Luiz Carlos de Oliveira, 20 anos, estudante de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), antes de se enforcar).

3) Um importante fator indutor de suicídios apontado pelas pesquisas é a depressão e o abuso de substâncias lícitas e ilícitas, em particular álcool e drogas. “Álcool é a droga psicoativa mais presente nos suicídios”, observa Fontenelle (op. cit., p.78). Se

considerarmos que álcool e drogas hoje fazem parte da cultura dos universitários, aumenta a probabilidade de ocorrer suicídios e outros efeitos. Álcool e drogas combinados geram descontroles, brigas, acidentes de trânsito geralmente sem cinto de segurança, nadar embriagado. Levantamento da Senad/2010, do Ministério da Justiça, revela que quase metade dos universitários brasileiros já fez o uso de substâncias ilícitas. **“Universitários são parcela da população que mais consome drogas”**. Existe um vale-tudo para superar o tédio da vida universitária. Quanto mais fácil o aluno tem acesso às drogas ilícitas ou lícitas maior é a possibilidade de drogadicção e descontroles emocionais. Pertencer a um grupo usuário de substâncias químicas aumenta a probabilidade de se tornar ‘igual’.

Geralmente quando acontece um suicídio – de jovem ou adulto – os colegas, amigos e familiares tendem a camuflar como “acidente”, “fatalidade” ou simplesmente joga a culpa no próprio pelo ato. Acontece que a maioria dos suicidas anuncia de modo direto ou camuflado⁶ a intenção de cometer o ato extremo. As tentativas de suicídio são de dois tipos: ato intencional ou consciente e ato não intencional (exemplos: cortes no próprio corpo ou automutilação, brincadeiras de alto risco, reações impulsivas reativas às agressões presenciais ou virtuais)⁷. A reação das pessoas vai do ceticismo, confusão mental, sarcasmo e até mesmo um “empurrãozinho” sádico. Ueno (2005) observa na internet, redes sociais e blogs, mais incentivo ao suicídio do que apoio para sustentar a vida. Existem pessoas e grupos na internet que incentivam pessoas propensas a sair da vida. Também existem pessoas e grupos, a maioria de religiosos, que contribuem para ressignificar o sentido

da existência. O Centro de Valorização da Vida (CVV) e Samaritanos também prestam ajuda providencial neste sentido. O fone é: **141**.

4) A universidade precisa ir para além do formalismo das pesquisas e do legalismo de ocasião, isto é, precisa pensar o espaço formativo também como área de convivência social, para os estudantes conversarem informalmente. Precisam conceber a formação como um tempo de crise e de risco. No Brasil, os arquitetos e urbanistas projetam as universidades sem áreas de convivência social, sem bancos para a comunidade curtir o ócio, para as pessoas exercerem o seu direito de viver o tempo livre, no sentido de trocar ideias e impressões sobre a vida acadêmica e a vida em geral.

Suspeito que a universidade em ritmo de barbárie produtivista seja o melhor lugar para transformar ideias de autodestruição em ato efetivo, porque nela reinam competição, individualismo, inveja, fogueira das vaidades, *violência simbólica* etc. Conforme observa Pierre Bourdieu (2004), a produção dos *campos* acadêmicos, mais especificamente, o jogo de forças que operam no interior dos cursos de graduação e pós-graduação, em que cada um deles corresponde um *habitus* (sistema de disposições incorporadas, maneiras duráveis que podem resistir às forças opostas no campo); entre professores-pesquisadores narcisicamente constituídos enquanto grupo de “capitalistas científicos” (sic), cuja posição de dominantes visa reproduzir alunos em série, dominados e crentes no sistema teórico. Ou seja, neste ambiente não sobra muito espaço para o aluno ou professor independente. Mas aqueles que incorporam o *habitus* próprio do campo têm condição de jogar o jogo e

de acreditar na importância desse jogo. Se o *habitus* for contrariado, de forma contínua, pode ser o lugar de forças explosivas (focos, difamações, desqualificações) e implosivas (ressentimentos, tentativas e suicídios), que tem o poder de corrosão silenciosa do valor existencial das singularidades intelectuais. “*Todos conhecem a verdade das práticas científicas [na universidade], e todos continuam a fingir não saber e a acreditar que isso se passa de outro modo*” (BOURDIEU, 2004, p.108).

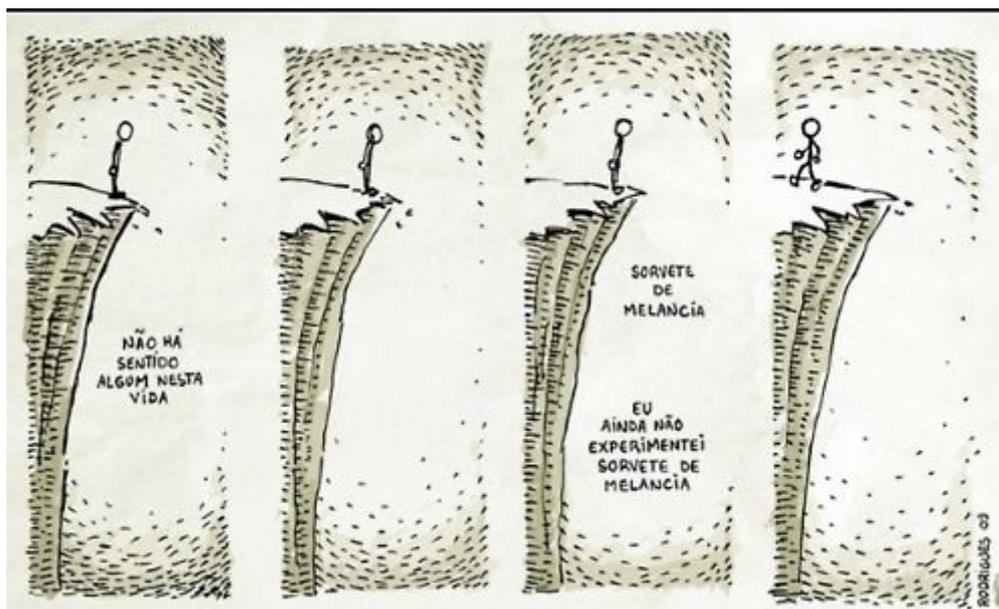
Conforme está estruturada, a universidade produtivista não é lugar para amizades genuínas, nem para adquirir sabedoria prática de saber como viver nela ou “existir” na sociedade. Os antigos professores-cultos ou intelectuais hoje são substituídos pelos professores-produtivos. Mesmo os críticos do sistema Lattes, reproduzem a servidão voluntária. Existe ainda os professores-ideológicos ou políticos, sempre prontos a atacar supostos “inimigos do povo”, e sempre prontos formar o espírito de horda selvagem, para lutar por uma bandeira ou defender um cumpincha. Cairá em desgraça aquele que ousar enfrentar tal horda selvagem. Ele morrerá simbolicamente para possíveis bancas, convites para projetos, reuniões específicas, etc. Alguém disse que na universidade não é preciso matar de fato, basta tornar o colega invisível ou mesmo inexistente no seu espaço de trabalho. Então, quando o suicídio se torna fato de membro da comunidade universitária, *ele já não fazia falta*. Daí o alerta de Fernando Pessoa: “[...] *Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém... Sem ti correrá tudo sem ti [...] Descansa:*

poucos te chorarão [...] Depois, só és lembrado em duas datas, aniversariamente [...].

Para Hillman (1993), numa perspectiva de psicoterapia junguiana, o suicídio, no fundo, é efeito do afrouxamento tanto da estrutura social geral como também um enfraquecimento dos laços grupais dos mais próximos do dia a dia. Isto é fato na comunidade universitária onde se mede o outro por ser “produtivo” ou “não produtivo”. A pessoa com baixa autoestima, sentindo-se desqualificada, deprimida ou em profunda crise existencial, se tiver alguém para conversar no ambiente de estudo, trabalho, na “sua” psicoterapia, nas redes sociais, pode diminuir a probabilidade de ela passar ao ato extremo.

Portanto, as universidades deveriam também oferecer serviços efetivos voltados para “trabalhar” as causas dos transtornos psíquicos, depressão, alcoolismo e drogadicção entre universitários. Os especialistas afirmam que 90% dos suicídios em geral poderiam ser evitados, porque a maioria não quer morrer, mas sim fugir de “situação desagradável, angustiante, de sofrimento absoluto”, observa José Manoel Bertolote, psiquiatra professor da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) e consultor da Organização Mundial de Saúde (OMS), autor do livro “O Suicídio e sua Prevenção” (2013).

A responsabilidade pelos cursos superiores por um serviço preventivo-terapêutico, parte do entendimento que o suicídio é uma questão de saúde pública e de educação.



Referências

BERTOLETE, José Manoel. **O Suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Unesp, 2013.

BERTOLETE, José Manoel. **“Depressão e alcoolismo são os principais fatores de risco do suicídio”** [Entrevista] Disponível em: <http://oglobo.globo.com/saude/depressao-alcoolismo-sao-os-principais-fatores-de-risco-do-suicidio-7400897>

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70.

CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: testemunhos de adeus**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DUTRA, Elza. **Suicídios de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v12n3/artigos/html/v12n3a13.html>

FONTENELLE, Paula. **Suicídio: o futuro interrompido**. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

GRANDO, Carolina Pompeo. Observatório da Imprensa. Edição 596 (2010). Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/new_s/view/o_suicidio_na_pauta_jornalistica

HILLMAN, James. **Suicídio e alma**. Petrópolis: Vozes, 1993.

LIMA, Raymundo. **O suicídio-espetáculo na sociedade do espetáculo**. Disponível em:

http://www.espacoacademico.com.br/044/44eli_ma.htm

MELEIRO, A.M.A.S. *Suicídio entre médicos e estudantes de medicina*. **Rev. Assoc. Med. Bras.** vol.44 n.2 São Paulo, Ar. /José, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42301998000200012&script=sci_arttext

O INFERNO DOS ADOLESCENTES JAPONESES. **Documentário** reproduzido pelo canal GNT/ Sistema Net, 2004.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **“Suicídio de adolescente levanta debate sobre relações online”**. Edição 764, de 17/09/2013. Disponível em: Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/new_s/view/_ed764_suicidio_de_adolescente_levant_a_debate_sobre_relacoes_online. **“Anunciantes abandonam rede social usada por jovem suicida”**. Edição 764, de 17/09/2013. http://www.observatoriodaimprensa.com.br/new_s/view/anunciantes_abandonam_rede_social_us_ada_por_jovem_suicida

SUICÍDIO DE UNIVERSITÁRIOS ALERTA AUTORIDADES NA CHINA. **UOL/ 28/05/2007**. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/05/28/ult1766u21935.jhtm>

TOLEDO, J. **Dicionário de suicidas ilustres**. São Paulo: Record, 1999.

UENO, Kayoko. *O suicídio é o maior produto de exportação do Japão? Notas sobre a cultura de suicídio no Japão*. [Tradução de Eva Bueno].

Jan/2005. **Revista Espaço Acadêmico.**
Disponível em:
<http://www.espacoacademico.com.br/044/44eue-no.htm>



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Gama Filho e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá (DFE/UEM).

[¹] É inevitável noticiar suicídios de famosos. Porém, “existe uma convenção profissional extra-oficial, uma espécie de acordo entre cavalheiros, que determina: suicídios não serão noticiados pela grande imprensa [...]. Dos Manuais de Redação de jornais brasileiros o jornal carioca *O Dia*, é taxativo: “O Dia não publica suicídios”. *O Globo* (1992: 87) recomenda evitar “noticiar suicídios de desconhecidos, exceto quando o fato tem aspectos fora do comum”. *A Folha de S. Paulo* (1992: 111) diz sobre: “Não omita o suicídio quando ele for a causa da morte de alguém.” (*apud* GRANDO, 2010).

[²] CURIOSIDADES: (a) Psicanalistas conhecidos que se mataram: Viktor Tausk, Wilhelm Stekel, Paul Federn, Eugenie Sokolnicka, Sophie Morgenstern, Johann J. Honegger (junguiano), Arminda Aberastury, Bruno Bettelheim; (b) Além do genro Paul Lafargue, duas filhas de Karl Marx também se mataram: Laura Marx Lafargue e Eleanor Marx, esta com 42 anos, em 1898. OBSERVAÇÃO do professor Walter Praxedes, do curso de Ciências Sociais da UEM: “O genro do Marx e sua esposa se consideravam idosos, cansados, provavelmente sem amparo, e decidiram que não teria mais porque continuarem vivos e sofrendo com os problemas de saúde do envelhecimento [eles fixaram em 70 anos a duração de suas existências]. Portanto, foi um ato consciente de ambos. Muito diferente da motivação altruísta de um Sócrates e Walter Benjamim, ou motivado por crise de governo: Adolf Hitler, Getúlio Vargas, Salvador Allende; (c). José Arruda Toledo, mais conhecido por J. Toledo, artista plástico, fotógrafo, cronista, autor do *Dicionário de Suicidas Ilustres*, também se suicidou em sua casa, no distrito de Sousas, em 2007. (Fonte: Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/J._Toledo).

[³] BREVE CONSIDERAÇÃO: (A) O suicídio é um fenômeno sociológico, psicológico, psicanalítico, filosófico, religioso, cultural, biológico, bioquímico, histórico, econômico, estatístico, legal, observa Cassorla (1992). Vários são os motivos que levam ao ato suicida: político, amoroso, financeiro, sentimento de culpa ou remorso, doença fatal, modo de resgatar a honra, meio de expressar uma causa mítica ou religiosa, etc. Pode ser um gesto individual ou coletivo (geralmente inspirado por uma seita religiosa), de livre-arbítrio ou influenciado por um fanatismo, por um líder carismático ou grupo em estado de transe. O pioneiro estudo de Émile Durkheim estabelece conexão entre elevadas taxas de suicídios e os laços sociais frouxos ou baixa integração do indivíduo com família, grupo, comunidade; é mais elevado o número de suicídios entre solteiros, viúvos, divorciados do que entre casados; também é elevado entre pessoas que não tem filhos. (B) Outros estudos consideram como mais importante a “autorização” da cultura do que o sistema político (capitalismo, socialismo, fascismo). Por exemplo, o *harakiri* e o *seppuku*, no Japão, fazem parte de um antigo ritual suicida de extirpação das entranhas, portanto, o suicídio no Japão tem implicações profundas com a tradição cultural ou moral samurai. Há quem considere o *harakiri* uma morte não voluntária (UENO, 2005). Mas, o suicídio no Japão parece constituir uma tradição, que teria contribuído para forjar a ação tática dos kamikazes japoneses, na 2ª. Guerra Mundial, cujo ato de jogar o avião sobre os navios norte-americanos era parte da estratégia militarista, precária, mas ideologicamente considerado honroso e digno. Em tempos de paz, os suicídios no Japão de hoje são frequentes; daí ser considerada a “nação do suicídio” [sic]. O interesse é demonstrado no elevado número de pesquisas, debates, e políticas específicas de governo para prevenção e tratamento. (Ler importante artigo da professora-doutora em Sociologia, Kayoko UENO, da Universidade de Tokushima, Japão: <http://www.espacoacademico.com.br/044/44eue-no.htm>. Desse modo, o suicídio na cultura japonesa sustenta um sentido diverso dos demais suicídios que ocorre nas outras culturas. Existem especialistas que consideram a diversidade dos suicídios: suicídio amoroso dos jovens no mundo ocidental, suicídio político, suicídio coletivo, suicida terrorista-suicida fundamentalista islâmico.

[⁴] Cf.:

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/05/28/ult1766u21935.jhtm>

[⁵] O documentário “O inferno dos adolescentes japoneses” (BBC-2004) mostra um pai cujo filho se matou se queixando do rígido sistema escolar japonês e do autoritarismo tradicional dos professores.

[⁶] Frases que nunca devem ser ignoradas: “Estou cansado de viver assim”, “Vocês ficarão melhores sem mim”, “Não estou conseguindo motivo para continuar vivendo neste mundo”. Para analisar as mensagens dos suicidas, consultar o estudo de Maria Luiza Dias “Suicídio: testemunhos de adeus”, editora Brasiliense, publicado em 1991.

[⁷] Rebecca Ann Sedwick, de 12 anos, sofria *bullying* por parte de um grupo de 15 adolescentes que pediam que ela se matasse, através de mensagens nas redes sociais (*ciberbullying*) do tipo “Por que ainda está viva?”, “Você é muito feia”, e “Você pode morrer, por favor?” Ela começou a se cortar, por isso a mãe teve que colocá-la em um hospital. (Cf.: SUICICIO EM ADOLESCENTE/ 2013). Outro caso “A adolescente Hannah foi encontrada enforcada em sua casa, em Leicestershire, depois de sofrer constantes ataques em seu perfil no *Ask.fm*. As mensagens enviadas repetidamente para ela continham agressões como “morra”, “beba água sanitária” e “tenha câncer” (Cf.: OBSERVATORIO DA IMPRENSA/ Edição 759).